



# ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

## DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

**Universidade de Brasília**

**Outubro 2012**





## **O espaço da arte decorativa no ensino acadêmico: do ornato às artes aplicadas**

Marcele Linhares Viana<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta parte da pesquisa de doutoramento sobre o ensino de arte decorativa na Escola Nacional de Belas Artes durante a primeira metade do século XX. O curso independente de Arte Decorativa, criado em fins dos anos 1940, se relaciona diretamente com disciplinas ministradas na Escola nas décadas anteriores. Através de matérias como “desenho de ornatos” e “arte aplicada” percebemos a inserção de importantes conceitos ligados ao ensino das artes decorativas na virada do século XIX para o século XX, que foram fundamentais para a criação de um curso independente de Arte Decorativa na Escola Nacional de Belas Artes.

**Palavras chave:** Arte decorativa. Escola Nacional de Belas Artes. Ensino.

**Abstract:** This article presents part of the doctoral research on teaching decorative art at the National School of Fine Arts during the first half of the twentieth century. The independent course of Decorative Art, created in the late 1940s, is related to the cathedras

---

<sup>1</sup> Doutoranda – Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente – Centro de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ

taught at the School in previous decades. Through cathedras like “design of ornaments” and “applied art”, we realize that the inclusion of important concepts related to teaching decorative arts, at the turn of the nineteenth to the twentieth century, were fundamental to the creation of an independent course of Decorative Arts at the National School of Fine Arts.

**Keywords:** Decorative art. National School of Fine Arts. Teaching.

Pesquisar o ensino das artes decorativas no campo da história da arte envolve algumas questões que cercam inicialmente o conceito do termo “arte decorativa”, o conjunto artístico que ele engloba e a sua relação com as belas artes. Em princípio, falar sobre arte decorativa nos dias atuais nos remete a um conjunto artístico que se distingue das belas artes por estar ligado à produção de objetos de utilidade e à composição interior arquitetônica ou cenográfica.

Além disso, o tema ainda desperta questões inerentes às classificações de “artes maiores” em oposição às “artes menores”. As “artes maiores” ou belas artes são comumente identificadas pelo trio “arquitetura, escultura e pintura”, ao passo que as “artes menores” se definem pela exclusão dessas três manifestações artísticas, ou seja, definindo-se pelo que não é, pelo grupo ao qual não faz parte. E, ainda, compõe um grupo frequentemente indefinido em que os

exemplos incluem diferentes técnicas ou materiais, e não produtos artísticos.

As “artes menores” também são frequentemente mostradas como uma manifestação artística que é criada por artistas de formação intelectual menos desenvolvida, dependentes apenas de habilidade manual e gosto intuitivo. Diferentemente dos artistas das belas artes, aos quais é atribuído valor diferenciado de criação de uma “obra de arte”, ou seja, de uma peça única e de valor exclusivo.

Considerando esses pontos, estudar o ensino de arte decorativa é considerar não apenas a trajetória dos objetos artísticos de uso, mas perceber a atuação de quem pensa, projeta e executa tais peças, identificando o espaço de criação desta manifestação artística e a formação do profissional que a produz.

## **O ensino de ornatos**

Diferentemente dos países europeus, no Brasil o ensino específico de arte decorativa, ou seja, para formação do decorador, não se dá em uma escola própria, mas dentro da Escola Nacional de Belas Artes. Ele se institui a partir do Regimento de 1948 da ENBA, com a criação do curso de Arte Decorativa, que inicia em 1950. O ensino artístico voltado para o campo das artes decorativas, entretanto, aparece dentro da instituição desde o século XIX.

Desde sua origem, com a Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), a instituição de ensino artístico oferecia para os cursos regulares o ensino de ornamentos, em cadeiras

como “desenho de ornatos” e “escultura de ornatos”, instituídas em 1827. A cadeira “desenho de ornatos” teve como professor o primeiro diretor da AIBA, Henrique José da Silva. O conteúdo da matéria incluía o ensino de modelos clássicos de ornamentação arquitetônica como: rosáceas, folhas de acanto, frisos, detalhes de colunas etc.

Nesta época, tanto “desenho de ornatos” quanto “escultura de ornatos” contribuí para a formação de artistas que atuam no campo da arquitetura e da decoração interior como “ornamentistas”, ou seja, em um dos segmentos das artes decorativas. A atuação desses profissionais, principalmente escultores e arquitetos, inclui a atividade de decorar, ou seja, saber escolher e aplicar ornamentos, embora não possam ser considerados decoradores por formação.

As cadeiras voltadas para o ensino de ornatos se mantêm na estrutura geral da Academia até a proclamação da República. Na ENBA, o curso geral oferecido, com duração de três anos, apresenta em seu último segmento uma nova matéria intitulada “elemento de arquitetura decorativa e desenho elementar de ornatos”<sup>2</sup> que mescla o ensino de “ornatos” ao de “arquitetura analítica”, duas cadeiras oferecidas pela Academia desde os primeiros anos. Para os cursos de Escultura e Gravura, além desta, continua no quadro a cadeira “escultura de ornatos”, tal como no Império.

Nos últimos anos do final do século XIX e na primeira década do seguinte, poucas alterações são feitas na

---

<sup>2</sup> Segundo consta nos **Estatutos da Escola Nacional e do Conselho Superior de Belas Artes** (decreto nº983, 08 de novembro de 1890).

estrutura da Escola no que tange o ensino de ornatos e de arquitetura decorativa. No Regulamento da ENBA de 1915, a estrutura dos cursos gerais e específicos se mantém. Porém, a disciplina “elementos de arquitetura decorativa e desenho elementar de ornatos”, integrante do conjunto de “cadeiras práticas” e comum ao curso geral, tem o nome invertido para “desenho de ornatos e elemento de arquitetura”.<sup>3</sup> Ela passa a ser oferecida na “primeira série” que compreende o primeiro ano de estudos. O ensino de ornatos permanece em suas variáveis para os cursos de Pintura, Gravura e Escultura, voltadas para o ensino de desenho e modelagem de ornamentos decorativos. E o ensino de “composição/elementos de arquitetura”, mantém-se para a formação em Arquitetura.

No período que compreende a Primeira República também se percebe uma importante fase de expansão da pintura decorativa. Inicialmente por influência estrangeira, através da ornamentação de painéis para interiores de edifícios públicos, este tipo de trabalho se diferencia da pintura de cavalete por se adequar as necessidades da arquitetura e por utilizar composições específicas.<sup>4</sup> Muitos artistas formados pela Escola atuam neste campo de forma significativa e torna-se cada vez mais freqüente nas Exposições Gerais a apresentação de painéis decorativos.

---

<sup>3</sup> Segundo consta no **Regulamento para ENBA** (decreto nº 8.964, de 14 de setembro de 1911) e se mantém no **Regulamento da ENBA** (decreto nº 11.749, de 13 de outubro de 1915).

<sup>4</sup> Sobre a pintura decorativa e seus modos, ver VALLE, Arthur. **A pintura da Escola Nacional de Belas Artes na 1ª República (1890-1930): Da formação do artista aos seus Modos estilísticos**. 2007. Orientadora: Angela Ancora da Luz. Tese (História e Crítica da Arte) – PPGAV – EBA – UFRJ, Rio de Janeiro, il.

Neste sentido, as cadeiras oferecidas pela Escola voltadas para o ensino de ornatos, de composição arquitetônica e de pintura decorativa apresentam-se como os três pilares da AIBA/ENBA que dão suporte, anos mais tarde, à cadeira de “arte aplicada”.

## **O ensino de artes aplicadas**

A ENBA, regida até então pelo Ministério da Justiça e dos Negócios Interiores, passa para a regência do Ministério da Educação e Saúde (MES) em 1930. No governo de Getúlio Vargas, o chefe de gabinete do MES, Rodrigo Mello Franco de Andrade, nomeia o então jovem arquiteto Lucio Costa para dirigir a ENBA e promover uma atualização da Escola, inaugurando o início de uma nova era na instituição.

Uma das transformações que ocorrem no âmbito administrativo da Escola é a sua inserção, em 1931, na Universidade do Rio de Janeiro (URJ)<sup>5</sup>. Nesta época, o ensino na ENBA passa a ser dividido em dois segmentos, o primeiro composto por três cursos – Pintura, Escultura e Gravura – e o segundo, pela Arquitetura. Uma nova cadeira, intitulada “artes aplicadas – tecnologia e composição decorativa”, começa a ser oferecida a ambos os grupos, embora possua mais alunos de Arquitetura. Em 1933, seu nome é abreviado para “arte aplicada” e, em seguida, modificado para “arte decorativa”.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> O nome da instituição é alterado em 1937 para Universidade do Brasil e, na década de 1960 para Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> É comum encontrarmos, contudo, na documentação do período pesquisado, ambos os termos para designar a mesma cadeira.



Na trajetória do ensino artístico acadêmico de arte decorativa, que consideramos a partir de cadeiras de áreas afins até a criação uma matéria específica da área, a adoção de nomes como “ornatos”, “arte aplicada”, “arte industrial”, entre outros; para designar as artes decorativas, demonstra a falta de uma definição conceitual presente na época. É a partir do início do século XX que esses conceitos passam a ser efetivamente discutidos no país, o que nos permite perceber como eles influenciaram no ensino de arte decorativa na ENBA.

Na Escola, o apoio e a atuação de professores – como Flexa Ribeiro, Marques Junior, entre outros – são fundamentais para a inserção e a implantação das artes decorativas no ensino artístico. Flexa Ribeiro promove o curso de extensão intitulado “Arte Decorativa” que Eliseu Visconti ministra entre os anos de 1934 e 1936 na Escola Politécnica da URJ. Este curso, iniciado com o pintor como docente, continuou sendo oferecido na Universidade pelos anos seguintes, sem a atuação direta de Visconti, mas com a administração de Flexa Ribeiro.

Mesmo em caráter de extensão, o curso deu a Visconti o lugar de referência no quesito ensino de arte decorativa na época.<sup>7</sup> Eliseu Visconti é um dos artistas formados pela ENBA mais atuantes na área de arte decorativa. Ele alcança fama tanto com trabalhos pictóricos quanto no campo das artes aplicadas, sobretudo em pintura decorativa. O próprio artista reconhece que a pintura do teto do Theatro

---

<sup>7</sup> Em carta datada de 1941 a Eliseu Visconti, Flexa Ribeiro convida o amigo pintor para ministrar aulas do curso de Arte Decorativa, afirmando que “a cadeira que criou estará sempre a sua disposição”. Correspondência 06/05/1941, Avulso (Acervo Tobias Visconti).

Municipal do Rio de Janeiro, datada de 1915, está dentre as obras mais importantes de sua produção.<sup>8</sup>

Visconti estabelece contato com o ensino de arte decorativa na França, na *École Guérin* onde é discípulo de Eugène Grasset entre os anos de 1895 e 1897, quando goza do Prêmio de Viagem concedido pela ENBA. De volta ao Brasil, em 1901, inaugura sua primeira exposição apresentando 28 exemplares de arte decorativa ao lado de 60 obras pictóricas, em mostra intitulada “Pintura e Arte Decorativa”. Nesta ocasião, em crítica para a revista *Kosmos*, Gonzaga Duque atenta para a falta de valorização das artes decorativas produzidas por artistas nacionais:

É de lamentar, no entanto, que as indústrias no Brasil vivam mesquinhas e foscas, na servilidade das mãos de modelos vindos do estrangeiro, porque se assim não fosse, encontrariam em Eliseu Visconti o espírito animador de seus produtos, o criador de sua originalidade, de seu mérito artístico desde que o governo, distraído dos seus deveres, encharcado de politicagem, não no saiba aproveitar n’uma utilíssima Escola ou, pelo menos, n’uma aula de arte decorativa para honra e proveito nosso.<sup>9</sup>

O próprio Visconti, em depoimento ao periódico *O Jornal*, vinte e cinco anos após a mostra de 1901, expõe sua decepção com o investimento no campo das artes decorativas:

Quando regressei da Europa como pensionista dos cofres públicos, fiz uma exposição de arte aplicada à indústria, na intenção de que a arte-decorativa era o elemento maior para caracterizar a indústria

---

<sup>8</sup> CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. *Eliseu Visconti (1866-1944) e as vanguardas artísticas européias*. IN VALLE, Arthur. DAZZI, Camila (org.). **Oitocentos – Arte brasileira do Império à República – Tomo 2**. 1V. Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010, p42.

<sup>9</sup> DUQUE ESTRADA, Gonzaga. IN Revista *Kosmos*. Apud ARESTIZABAL, Irma (Org.). **Eliseu Visconti e a Arte Decorativa**. Rio de Janeiro: PUC/FUNARTE, 1983, p110.

artística no país. Olharam-na com novidade e nada mais. Cheguei a fazer cerâmica à mão, para ver se atraía atenção das escolas, oficinas do governo. Tudo perdido, ninguém notou o esforço (...).<sup>10</sup>

A previsão de Gonzaga Duque e a iniciativa de Visconti tornam-se realidade com a criação, no ano de 1933, da cadeira de “arte aplicada” na ENBA. Para ministrá-la é contratado o professor Roberto Lacombe que fica no cargo até 1937. No concurso de 1938, o candidato selecionado para assumir a cadeira de “arte decorativa” foi um concorrente à vaga de pintura: Henrique Cavalleiro.<sup>11</sup>

A relação do pintor com as artes decorativas, no entanto, reside além de sua formação artística institucional na ENBA e em institutos de arte na França, onde gozou do Prêmio de Viagem promovido pela Escola. Cavalleiro é casado com Yvonne Visconti, filha de Eliseu Visconti, de que foi aluno no curso de extensão da Escola Politécnica. Cavalleiro, atuante desde os anos 1920 na área de pintura decorativa, fica responsável pela disciplina de “arte decorativa” até final dos anos 1940, quando Quirino Campofiorito, também pintor e ex-aluno da ENBA, assume a cátedra do curso autônomo de Arte Decorativa na Escola.

## **A arte decorativa nacional**

O curso independente de arte decorativa que aparece nas discussões das Sessões de Congregação desde os

---

<sup>10</sup> O Jornal de 1926 Apud **Idem**, p13.

<sup>11</sup> Na ocasião do concurso de 1938, em documento da Escola (Avulso – 05/08/1938), são apresentados três candidatos para docente de Arte Decorativa: David Xavier Azambuja, Iris Rodrigues Pereira de Souza e Quirino Campofiorito. No entanto, nenhum deles assume a vaga que é ocupada por Cavalleiro, candidato à vaga de docente de Pintura.

anos 1930, começa a se concretizar a partir de 1943, mas é no ano de 1947, contudo, que os debates se mostram avançados na instituição, sobretudo após a saída do curso de arquitetura da ENBA para integrar a Faculdade Nacional de Arquitetura.<sup>12</sup> O espaço deixado pelo curso de arquitetura é ocupado por outras duas habilitações, uma delas em Arte Decorativa. Desta forma, a partir de fins da década de 1940 a Escola deixa de formar arquitetos e passa a formar decoradores.

Em 1948, a ENBA apresenta seus novos cursos através do Regimento escrito pelo professor Flexa Ribeiro.<sup>13</sup> São cinco cursos de graduação – Pintura, Escultura, Gravura, Arte Decorativa e Licenciatura em Desenho – com duração de quatro anos seriados e com o objetivo de proporcionar “o preparo conveniente, teórico e prático de profissionais que se destinam à Pintura, à Escultura, à Gravura, à Decoração e ao Professorado de Desenho.”<sup>14</sup>

Na área de arte decorativa, a habilitação universitária busca formar o “profissional-decorador”<sup>15</sup> e visa ao “conhecimento particular da arte ornamental”.<sup>16</sup> O curso é complementado pela especialização em uma das onze áreas oferecidas: pintura decorativa; escultura decorativa; cerâmica; cenografia; arte da publicidade e do livro;

---

<sup>12</sup> Em 1945 o curso de Arquitetura sai da ENBA para integrar a Faculdade Nacional de Arquitetura e, mais tarde, muda de nome para Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU).

<sup>13</sup> O Regimento da Escola Nacional de Belas Artes de 1948 foi aprovado pelo Conselho Universitário de 17.08.1946, rubricado no Diário Oficial de 08.08.1947 e entrou em vigor em 1949.

<sup>14</sup> **Regimento Interno da Escola Nacional de Belas Artes – Universidade do Brasil**, 1948, p443.

<sup>15</sup> **Idem**, p443.

<sup>16</sup> **Ibidem**, p443.

mobiliária; tapeçaria; tecidos e papel pintado; artes do metal; artes do vitral e do vidro e indumentária.

No contexto artístico geral, a primeira metade do século XX no Brasil configura-se como um momento especial, principalmente no que se refere à valorização da temática nacional nas vanguardas artísticas. Movimentos como o Neocolonial, o *Art Déco* e o Modernismo são alguns dos que apresentam, em seus exemplares de objetos de arte decorativa, decoração de interiores e arquitetura, um vocabulário projetual e ornamental inspirado em temas nacionais. O uso de elementos de arte indígena, principalmente marajoara; o resgate de materiais e elementos da arte e da arquitetura colonial brasileira; a inspiração ornamental na flora e fauna nacionais; apresentam-se como peças fundamentais para reconhecimento da produção artística da época.

A crescente valorização das artes decorativas neste período fica evidente no discurso da conferência de comemoração do 134º aniversário da ENBA, em 1950, do professor catedrático do curso de Arte Decorativa. Campofiorito destaca que as artes decorativas possuem os “autênticos valores plásticos”,<sup>17</sup> que “a arquitetura, a pintura e a escultura tiveram base na inspiração decorativa”<sup>18</sup> e que

as artes decorativas tem raízes profundas no gosto popular e daí a sua força emocional, sempre traduzindo o sentimento estético mais apaixonado de um povo, as condições indisfarçáveis de uma época, a ambição do homem de não se satisfazer com a nudez do utilitarismo.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> **Anais da Universidade do Brasil**. Escola Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro: 1950, p184.

<sup>18</sup> **Idem**, p184.

<sup>19</sup> **Ibidem**, p184.

A conquista de espaço das artes decorativas no ensino artístico da Escola é crescente nas décadas seguintes. A valorização da arte decorativa de inspiração nacional, motivada por professores desde os anos 1930, continua se desenvolvendo nos anos 1950 e 1960. A atuação de expositores nas seções de Arte Decorativa nos Salões Nacionais cresce significativamente com o passar dos anos consolidando o espaço de ensino nesta área dentro e fora da Escola.

No final dos anos 1970 as áreas de especialização em Arte Decorativa dão origem aos cursos de graduação presentes até os dias atuais na Escola de Belas Artes (EBA). Essas habilitações, porém, apresentam-se desvinculadas do título “arte decorativa”, que passa, desde então, a ser cada vez menos adotado pela historiografia da arte.

#### **Referências bibliográficas:**

180 Anos de Escola de Belas Artes. Anais do Seminário EBA 180. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998, 498 p. il.

185 Anos de Escola de Belas Artes. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001/2002, 224 p. il.

ARESTIZABAL, Irma (Org.). Eliseu Visconti e a Arte Decorativa. Rio de Janeiro: PUC/FUNARTE, 1983, 160p, il.

Anais da Universidade do Brasil. Escola Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro: 1950.

CAMPOFIORITO, Quirino. O que é, por que e como IN Revista Arquivos da ENBA. Nº V. Rio de Janeiro, 12/08/1959, p53.

CUNHA, Almir Paredes. Dicionário de Artes Plásticas. Vol. 1. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2005, 536 p. il.

LUZ, Ângela Ancora da. Uma breve história dos salões de arte: da Europa ao Brasil. Rio de Janeiro: Calígrama, 2005, 251 p. il.

MALTA, Marize. O Olhar Decorativo: Ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, 248p, il.

\_\_\_\_\_. (org.). O ensino artístico, a história da arte e o museu D. João VI. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2010, 287p, il.

\_\_\_\_\_ A história da arte e a práxis artística: saber decorativo na formação acadêmica. IN RIBEIRO, Marília A. RIBEIRO, Maria Izabel B. (Org.). Anais do XXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Belo Horizonte: C/Arte, 2007, pp144-153.

\_\_\_\_\_ Unir o útil ao agradável – a arte decorativa na Academia de Belas Artes. IN Anais do XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte. Porto Alegre: CBHA, 2002.

\_\_\_\_\_ Todo designer já foi decorador: da arte decorativa à arte projetual. IN CUNHA, Almir Paredes (org.). Arquivos da Escola de Belas Artes. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 1999, pp31-50.

MOUTINHO, Stella R. Octávio. PRADO, Rúbia B. B. do. LONDRES, Ruth R. Octávio. Dicionário de artes decorativas & decoração de interiores. 2ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011, 544p, il.

VALLE, Arthur. A pintura da Escola Nacional de Belas Artes na 1a República (1890-1930): Da formação do artista aos seus Modos estilísticos. 2007. Orientadora: Angela Ancora da Luz. Tese (História e Crítica da Arte) – PPGAV – EBA – UFRJ, Rio de Janeiro, il.

\_\_\_\_\_ DAZZI, Camila (org). Oitocentos – Arte brasileira do Império à República – Tomo 2. 1V. Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010

VIANA, Marcele Linhares. Mobiliário Neocolonial: A busca pela tradição na modernidade nacional (1920-1940). 2005. 129 p. Orientadora: Angela Ancora da Luz. Dissertação (História e Crítica da Arte) – PPGAV – EBA – UFRJ, Rio de Janeiro, il.

